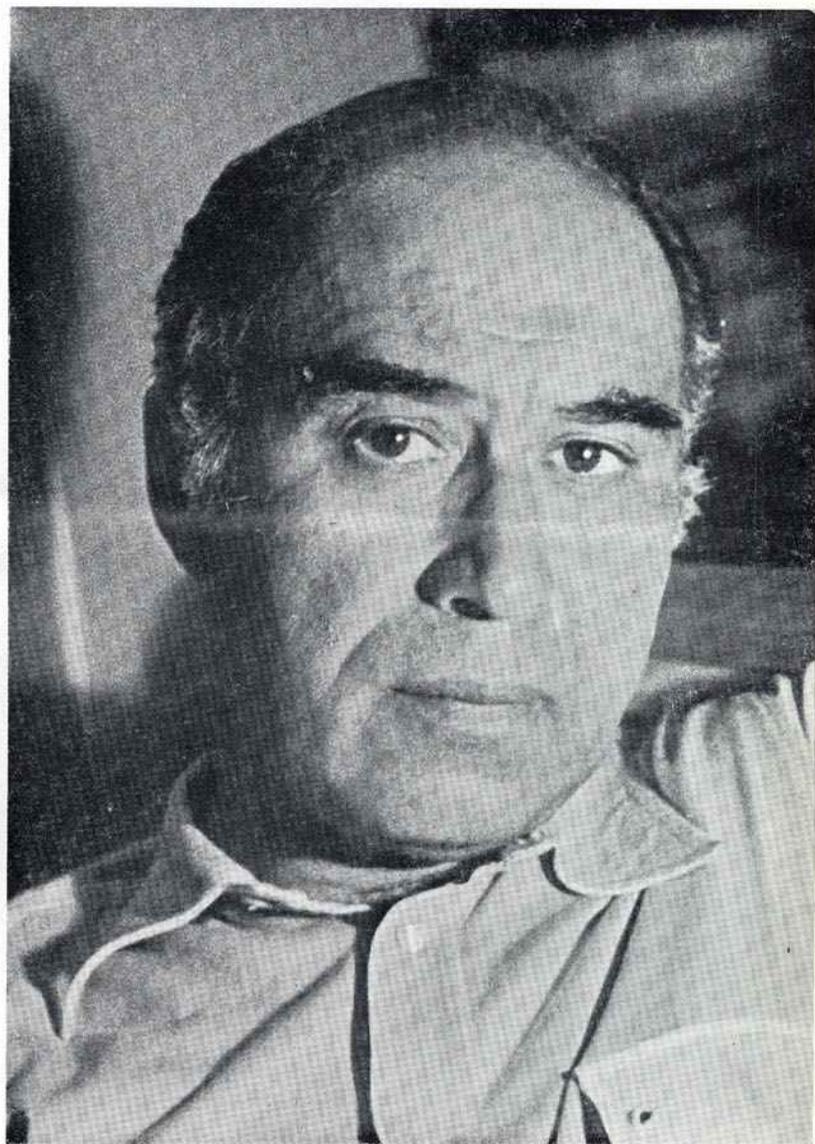


ILUSTRAÇÃO

**FERNANDO
NAMORA**



GRANDE DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira de Letras, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc., etc.

15.^a EDIÇÃO (Actualizada na grafia e ampliada
com cerca de **25 mil vocábulos**)

O Grande Dicionário, redigido de harmonia com os modernos princípios da ciência da linguagem, e em que se contém mais do dobro dos vocábulos até agora registados nos melhores dicionários da língua portuguesa, é o mais actualizado, autorizado e completo

«O Dicionário de Cândido de Figueiredo, sucessivamente melhorado, ampliado e trabalhado pelo seu autor, é hoje, sem dúvida, o melhor dicionário da língua portuguesa; o mais opulento, o mais «vivo», e, tecnicamente, o mais perfeito.»

«Entendo que a solução dada ao problema pelos Editores do Novo Dicionário, enriquecendo e actualizando este instrumento de consulta, constitui um relevante serviço à linguagem portuguesa e uma homenagem prestada ao nome glorioso de Cândido de Figueiredo.»

JÚLIO DANTAS

«Tarefa ingrata e inglória a de organizar um grande dicionário. Poucos apreciam o trabalho heroicamente miúdo que ela exige; muitos se apressam a criticar com entono uma ou outra humana e inevitável imperfeição, e não se lembram de agradecer milhares de acertos pacientes e beneméritos. Tem-se por vezes notado que os que nunca fizeram nada são os mais pontuais em pôr embargos ao resultado do esforço de quem fez alguma coisa, e o melhor que pôde.»

AGOSTINHO DE CAMPOS

A obra completa **2 grossos volumes** no formato de 27 × 19 com **2 600** páginas

Encadernação luxuosa em percalina com lombada em pele gravada e títulos a ouro, Esc. **1000\$00**

Pelo seu desenvolvimento, este dicionário é considerado
um autêntico monumento da língua portuguesa

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND, S. A. R. L.**

Apartado 37 - Amadora

FOGO NA NOITE ESCURA por Fernando Namora

Quando Zé Maria, depois de se separar dos amigos e do poeta Augusto Garcia, chegou à pensão, o Sr. Lúcio passeava na sala do primeiro andar. Era um compartimento enorme e bafiento. D. Luz, com a parca mobília de que dispunha, nem sequer tentara aproveitá-lo. O velho tecto de carvalho, esfarelado pelo carunchinho, tinha ainda belos ornatos e nas paredes descobriam-se restos de uma romântica pintura mural. Provavelmente aquele casarão, enxertado mais tarde de dependências subsidiárias, sem estilo e sem gosto, teria sido um solar.

Para não se dizer que a sala era inteiramente inútil, D. Luz distribuíra-lhe algumas cadeiras baratas, circundando uma mesita de passar a ferro, tendo por cima uma lâmpada que as poeiras e as moscas haviam progressivamente velado — e o conjunto, perdido no meio de um espaço imenso, dir-se-ia preparado para uma sessão de espíritos ou de cartomantes.

O Sr. Lúcio ia e vinha, as mãos cruzadas nas costas, o dorso curvado. Ao ouvir passos no fundo da escada, correu à cozinha, numa fúria, e procurou a machada. Quando Zé Maria, ao dobrar o corrimão, reparou nesse perfil sinistro projectado na luz mortíca da sala e identificou seguidamente o contorno da machada, recuou assustado. Só depois reconheceu o dono da casa. Este, ao dar pelo hóspede, teve um suspiro de desânimo.

— Ah, é o senhor... Desculpe. Antes que Zé Maria, aturdido com a atitude insolita do homem, o interrogasse, o Sr. Lúcio dispôs-se espontaneamente a justificar-se, ao mesmo tempo que repetia o passeio nervoso pelo salão, erguendo e baixando as sobrancelhas hirsutas, num monólogo recheado de gestos.

— Ainda bem que é o senhor: precisava de alguém com quem pudesse ter um desabafo. Mas não lhe conheci os passos. Desculpe, estava transtornado. Ah, porcas! Hoje, hei-de acabar com elas!

— Sossegue um momento, Sr. Lúcio. Quem são as porcas?

— Sossegue, diz-me o senhor! Acha que devo ser toda a vida um criado delas?

— De quem?

— O dono da casa não deu atenção à pergunta. — Sou um criado, pois, toda a gente o sabe. É ou não é assim, Sr. Doutor?

O Sr. Lúcio bebera. Bebera seguramente mais do que aqueles regarados copitos de aguardente e de vinho verde do costume. Estava, por certo, numa fase delirante da sua embriaguez e, daí, trapavam à superfície aquelas arestas da sua vida que ele normalmente não tinha coraagem de enfrentar. Vingava-se agora das suas cobardias.

— Sou aqui um criado — insistia. — É uma vergonha. E a outra, a sonsa, não é melhor do que a mãe. Uma mosquinha morta que me despreza, sou eu que lho digo! Esta machada vai hoje arrumar as coisas. Tem sido uma comédia.

Zé Maria estendeu-lhe o maço de cigarros. O homem, como sempre, iria acalmar-se com as delícias de um cigarro e de mais um copito.

— Obrigado. Hoje não quero.

— Aceite!

— É só para não o desconsiderar... Acendeu o isqueiro e lançou umas fumaças na direcção do tecto. De olhos meio cerrados, meditava.

— Mas de que se trata, afinal?

— Está à vista de todos. Quem vai ao carvão?

O Lúcio. Quem traz os cestos da praça? O Lú-

cio. O Lúcio burro de carga, lacaio, besta para todo o serviço. E se um homem bebe um copo ou gasta mil e duzentos numa onça, é uma trovoadas dos infernos. E vim eu da minha terra, vendi eu as courelas, larguei a minha casa, com o fito de educar os filhos! O outro morreu, o infeliz. Já tinha três anos de liceu. Respeitador, amigo do pai. E esta, quase formada, e não reconhecer nada disto! Vendi tudo, Sr. Doutor, as coisas que eram do meu sangue, para uma paga destas! A mãe é pior, uma ruindade que entra pelos olhos dentro, é ela que estraga a filha, mas... E até, Sr. Doutor — e repentinamente aproximou-lhe a boca avinhada dos ouvidos, como se fosse necessária essa discricção —, e até se lhe apetece não me querer na cama... não quer mesmo!

Interrompeu-se, ofegante, limpando o bigode à manga do casaco. Reacendeu o cigarro apagado, repetindo entre dentes: «Não quer mesmo!» Por fim, sentou-se na cadeira, obrigando Zé Maria a sentar-se também na sua frente. Para ficar mais certo de não perder o interlocutor, prendeu-lhe os joelhos entre os seus.

A cena, por cômica que fosse, não divertia Zé Maria. Tudo aquilo lhe sugeria um drama, muitos dramas. A verdade é que, pela primeira vez, a presença do Sr. Lúcio lhe infundia respeito e amargura. Talvez por isso, retorquiu:

— O senhor vê as coisas pelo pior aspecto. E sempre lhe digo que, em questão de sacrifício pelos filhos, não há que atender a pagas: ou se fazem ou se não fazem. O amor dos filhos não é um negócio. Mesmo que tudo o que o senhor disse fosse certo, não vejo razão para...

— Não vê razão?! Ora diga, o senhor, que é casado... — Zé Maria enrugou a testa e levou instintivamente as mãos à boca do homem, como para o calar. — Se a sua mulher, perdão, se a sua senhora o mandasse, com falinhas de Judas, dar um passeio, o mandasse ir dar dois dedos de troco a uns amigos, na taberna... — imitava a voz dela, em falsete —, só para se pesregar no cinema mais a filha, lá porque têm vergonha de aparecer com o desgraçado do Lúcio... Há?! Diga, Sr. Doutor, diga o que faria!

— Tomou alento e o lábio inferior, engrossando, estremeceu. — Um homem é um homem. E a filha não teve uma palavra! Ao menos podia ter dito: «Convidamos o pai por esta vez...» Mas não. Sabe, Sr. Doutor, andamos para aqui nem sei como, a cair aos pedaços, só a pensar no futuro dos filhos, e a pouco e pouco vemos-a subir, a ter vergonha de nós... E quando a gente dá por isso, quando tem a certeza disso... E o Sr. Lúcio pôs-se a soluçar. Zé Maria, de músculos contraídos, apertou-lhe os braços. Não sabia que dizer.

— A que um homem chega! O Sr. Doutor compreende bem estas coisas. Os filhos, o sangue do nosso sangue! E então vamos ficando humildes com eles, nem sabemos já se nos é permitido tratá-los como filhos, se os offendemos... Temos medo das palavras.

De súbito, porém, o dono da casa encrespou-se. Já não havia lágrimas na sua voz.

— ...Mas, se é assim, se não pode deixar de haver pobres de Cristo como eu, e do outro lado homens de respeito, então seria melhor que os filhos das bestas continuassem bestas também. Já não teriam de que se envergonhar.

Zé Maria deixara a porta da rua fechada e por isso alguém que entrava fez soar o trinco. O Sr. Lúcio ergueu-se num ímpeto. Os olhos

ficaram secos e decididos, os dedos contorceiram-se no cabo da machada. A Zé Maria mal sobrou tempo para o segurar pelos ombros.

— O senhor não está bom da cabeça!

— Doido, ou com juízo, o assunto é comigo. Deixe-me, Sr. Doutor, que sou um homem perdido!

As duas mulheres tinham espedaco a meio dos degraus, aturdidas.

— Sobre, que te racho!

Conduziram-na para o quarto. O pai ficou à porta, humilde, escondendo a sua presença, um rafeiro indesejável. Zé Maria procurava reanimar a rapariga, esfregando-lhe as faces e os pulsos. D. Luz foi lá dentro à procura de qualquer estimulante e então o Sr. Lúcio atreveu-se a dar voz à sua mágoa.

— O que eu merecia, Sr. Doutor, o que eu merecia! Eu tinha pensado em sair de casa, ir britar pedra, viver para aí como um qualquer e não lhes fazer mal, não esperar por elas... Quando chegassem do cinema, já não me encontraríamos em casa. Matel a minha filha.

— Deixe-se disso. Ela está apenas desmaiada. Nesse momento, a rapariga voltou a cabeça e reabriu os olhos. Era um mundo turvo, aquele. Nuvens, nuvens que fugiam. Mas, lá nos confins de uma progressiva claridade, isolou o rosto de Zé Maria. Então soergueu a cabeça e disse, de lábios quase cerrados:

— Não te quero aqui.

— Vá chamar um médico, Sr. Lúcio. A sua filha sofreu um choque. Pode ser grave.

O pobre homem, fora de si, procurou o chapéu por todos os lados. Foi a mulher a indicá-lhe que ele já a tinha na cabeça.

Zé Maria aproximou-se de novo da rapariga e, timidamente, acabou por se sentar na borda da cama. D. Luz aplicava-lhe compressas frias na cabeça e monologava:

— Dorme, filha. Descansa um bocadinho, meu tesouro.

Dina ouvia-o? Certamente. As suas mãos pareciam buscar uma linguagem que respondesse àquela ternura monocórdica e lamuriente. Pouco depois reabriu os olhos. A mãe acudiu imediatamente: «Nós estamos aqui, sossega. Apaga-se a luz, se tu quiseres.» Zé Maria curvou o corpo para que a rapariga, dessa vez, não reparasse na sua presença; mas ela reparou e insistiu:

— Não te quero. Sai lá... para fora.

Zé Maria já não suportava essas palavras, nem a muda recriminação que D. Luz as reforçava. Ir-se-ia embora. Nada tinha a ver com eles. Nem com eles nem com ninguém. Bruscame, porém, Dina puxou-lhe a cabeça para junto de si e beijou-o na face. No mesmo instante, Zé Maria sentiu-se apaziguado. Sim, parecia-lhes: aqueles eram gente da sua condição; não precisavam de palavras para se compreenderem. Pegou suavemente nas mãos da rapariga e levou-as ao seu rosto.

— Deves descansar um bocadinho.

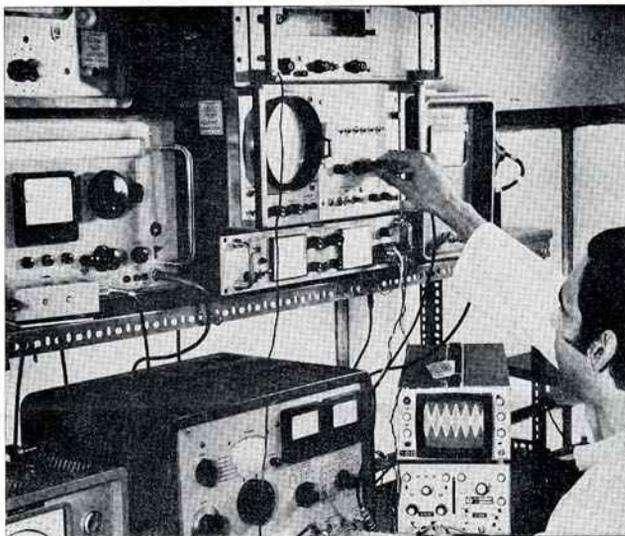
A mãe, no entanto, estava agora impaciente. E, por muito que as circunstâncias fossem anormais, não pôde deixar de censurar:

— O Sr. Doutor não devia ter consentido! Lá por ela delirar, não se devia ter aproveitado. Não devia. Os homens são todos uns porcalhões.

Uma das mais recentes novidades da
LIVRARIA BERTRAND

NOVA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

NOÇÕES DE ELECTRÓNICA



Embora a electrónica seja um domínio da técnica e do conhecimento nascido já no século XX, todos conhecemos a sua rápida expansão nos últimos vinte anos, através de realizações por vezes espectaculares.

Pretendendo levar o leitor a aprofundar esta ciência, as *Noções de Electrónica* começam por explicar as *bases físicas* indispensáveis à compreensão dos dispositivos electrónicos (Cap. I a IV). Como é habitual nesta colecção, a terminologia é simples e o aparato matemático não é grande, mas o rigor nunca é descuidado.

Os Cap. V a IX descrevem e analisam o *funcionamento* de muitos daqueles dispositivos, permitindo ainda observar a evolução histórica da electrónica.

Após um Cap. X sobre radiações, vem o estudo dos *semicondutores* e, em especial, do *transistor*, que está na base dos modernos circuitos.

Nos seis capítulos finais passam-se em revista muitas das *funções* desempenhadas por dispositivos electrónicos, como a rectificação, a amplificação e a modulação, fundamentais em sistemas de comunicação, aparelhagem de medida e tantas outras aplicações.

★

NOÇÕES DE ELECTRONICA, pelos Eng.^{os} Armando Cardoso e Alexandre Romeiras, é o 23.º volume da *NOVA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL*, uma colecção que se destina a publicar volumes portáteis e a preços acessíveis, tratando os assuntos por forma a colaborar com o leitor na solução dos problemas da sua vida profissional.

Procura-se sintetizar a matéria sem prejuízo, contudo, da clareza e da sua essência.

PREÇO 90\$00

VOLUMES PUBLICADOS:

Eng.^o ARMANDO CARDOSO

ELECTROTECNIA - Livros I, II e III — PERIGOS DA ELECTRICIDADE — MANUAL DO FUNDIDOR - Livros I e II — FÓRMULAS E TABELAS DO ELECTROTÉCNICO - Livros I, II e III — SOMBRAS E PERSPECTIVAS — ELEMENTOS DE GEOMETRIA DESCRITIVA — MANUAL DE CERÂMICA — MANUAL DE GALVANOSTEGIA E GALVANOPLASTIA.

Arq.^o MANUEL DA ROCHA CASQUILHO

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO — MANUAL DE EDIFICAÇÕES.

JOÃO DE SOUSA DUARTE

MANUAL DE SOLDADURAS

F. DE CARVALHO HENRIQUES

PUBLICIDADE PARA O PÚBLICO

ANTÓNIO RIO DE JANEIRO

INDÚSTRIA DE SABOES E SABONETES

GERT LINDER

COMO OBTER BOAS FOTOGRAFIAS

Dr. WILLIAM G. G. KENNEDY

CARTAS COMERCIAIS: INGLÊS, PORTUGUÊS, ALEMÃO, FRANCÊS E ESPANHOL

Prof. ALDO PAVARI

QUEBRA-VENTOS

ROGERIO LAZARO PEREIRA

PROBLEMAS DE TRIGONOMETRIA E TOPOGRAFIA